

# Intolerância religiosa: A luta das religiões de matriz afro-brasileiras

## *Religious intolerance: Afro-brazilian religions struggle*

Luana Santiago Souza<sup>1</sup>, Tânia Lira Falcão de Oliveira<sup>2</sup>, José Humberto Machado Tambor<sup>3</sup>

**Resumo:** A grande presença de diferentes povos na formação da nação trouxe muitos aspectos positivos na formatação dos brasileiros e de forma pacífica. Mesmo assim, não podemos dizer que não haja grupos conflitantes, principalmente no aspecto religioso vivido no Brasil desde o período colonial até os dias de hoje. O intuito é ressaltar as religiões de matriz africanas e indígenas, a fim de evidenciar a luta, a história e a cultura desses que são chamados de “minorias”, tendo como focos principais a Umbanda e o Candomblé. São abordados os conceitos e concepções fundamentais do que seriam cada uma dessas religiões a fim de compreender os motivos pelos quais são as mais atacadas pelo povo. A falta de conhecimento e a ignorância faz com que pessoas sofram e sejam intolerantes com as diferenças e muitas das vezes são manipuladas por questões enraizadas na sociedade, tais como racismo estrutural e o pré-julgamento a classes subalternas e marginalizadas.

**Palavras-chave:** Umbanda. Candomblé. Religião. Intolerância. Cultura.

**Abstract:** *The great presence of different peoples in the formation of the nation brought many positive aspects in the formatting of Brazilians and in a peaceful way. Even so, we cannot say that there are no conflicting groups, mainly in the religious aspect experienced in Brazil from the colonial period to the present day. The intention is to highlight the African and indigenous religions origin, in order to point out the struggle, history and culture of those who are called “minorities”, as Umbanda and Candomblé as their main focuses. Fundamental concepts and conceptions relate about each religion in order to know the reasons why these people are the most attacked ones. Several people are victim of intolerance caused by lack of knowledge and ignorance by the ones who does not tolerate others religions because there are differences between them. Also, they are often manipulated by issues*

*rooted in society, such as structural racism and the prejudice of subordinate and marginalized classes.*

**Keywords:** *Umbanda. Candomblé. Religion. Intolerance. Culture.*

### I. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios do Brasil, temos relatos da presença marcante da religião e sua relação com o poder presente na época. Por isso, até nos dias de hoje, a intolerância religiosa é muito presente na vida da maioria dos brasileiros, ela nada mais é que a falta de vontade em reconhecer ou respeitar as diferenças e as crenças de terceiros.

No período colonial e imperial, o catolicismo era a religião predominante, pois chegou junto com os Europeus e era nisso que eles diziam que as pessoas deveriam acreditar, anulando qualquer outro tipo de crença.

Os indígenas que já viviam no país, eram proibidos de fazer seus cultos por causa dessa catequização, assim como os negros trazidos ao país eram proibidos de ter lugar de fala e principalmente a adorar a outros deuses que não fosse aquele dos colonizadores, pois se isso acontecesse seriam castigados e dependendo do caso até mortos.

Nessas condições, o objetivo é a possibilidade de abrir um espaço de debate para essa parte da cultura brasileira que é negligenciada, sendo chamada de minoria e sendo alvo de ataques intolerantes, tendo como foco de pesquisa as religiões Umbanda e Candomblé, e a perseguição do catolicismo e do neopentecostalismo.

O Brasil é considerado um país laico desde 1890, porque em uma democracia existe a pluralidade de crenças, justamente falando sobre a liberdade para agir com a maior neutralidade e igualdade, mantendo todos os direitos individuais e

coletivos, sendo assim mantendo todos iguais perante a lei.

Segundo o IBGE (2010), a religião está presente na vida de 92% dos brasileiros, contra somente 8% que não consideram participar de nenhuma crença. 65% desses brasileiros crentes são católicos.

De acordo com o disque 100, canal utilizado para denúncias, no Brasil a cada 15 horas tem uma denúncia sobre intolerância religiosa, e 39% dos casos são de religiões de origem africana.

O intuito da pesquisa é a contribuição para a construção de conhecimento populacional, abrangendo fatos históricos, esclarecimentos das religiões e registros das perseguições.

## II. REFERENCIAL TEÓRICO

Os grupos que foram os formadores do processo civilizatório no Brasil foram os indígenas, africanos e portugueses. Todos eles tinham modos distintos de se expressar, de criar e viver. Em uma sociedade com tanta diversidade étnica, os colonizadores não davam o direito dos territorialistas a cultuarem os seus próprios deuses e assim surge o impasse e a dúvida de quem adorar. Tupã? Jesus Cristo ou Oxalá?

A intolerância religiosa não é algo recente na história do Brasil, mas as formas de manifestações são alteradas de acordo com a organização política, cultural e econômica de cada sociedade. A intolerância, discriminação e preconceito, no caso das religiões de origem africanas e indígenas se manifestam das maneiras mais perversas, pois há o racismo caracterizando julgamentos sustentados pela ignorância, pelo conservadorismo e pelo moralismo.

Segundo Guimarães (2004, p. 28),

A Intolerância está na raiz das grandes tragédias mundiais. Foi ela que destruiu as culturas pré-colombianas e promoveu a inquisição e a caça às bruxas. Foi a intolerância religiosa que levou católicos e protestantes a se matarem mutuamente na Europa, os hindus e os muçulmanos a fazerem o mesmo na Índia. Foi a intolerância que levou países a construírem um sistema de apartheid ou a organizarem campos de concentração. Por trás da manifestação de

barbárie que a humanidade teve a infelicidade de assistir e testemunhar, o que redundou em numerosos massacres e extermínios, esconde-se a intolerância como arquétipo e estrutura fundante.

Desde o período colonial e Imperial do Brasil, existem relações diretas entre o poder político e o catolicismo, pois era considerada a religião oficial nesses períodos. O código criminal de 1830 punia toda a celebração, propaganda ou culto religioso que não fosse a oficial, ou seja, o código punia diretamente os negros, independente de serem escravos ou não, impondo a cultura ocidental, predominando a religião católica e desmanchando todas as referências culturais africanas.

Em 1889 foi proclamada a república no Brasil e foi quando começou a falar sobre laicidade, onde teria a separação formal entre a igreja católica e o Estado. Causando assim a secularização do espaço religioso, marcando a fase histórica e surgindo o Estado-nação. Segundo Giumbelli (2008, p. 81), “a presença do religioso na sociedade está sempre relacionada com dispositivos estatais, apesar ou por causa da laicidade”.

Somente em 1890 foi abolido o conceito de religião oficial e foi proporcionada uma liberdade de qualquer tipo de crença, porém como a maioria dos brasileiros já haviam sido criados em cima da religião católica, as outras religiões se tornaram alvos de perseguição, discriminação e preconceitos tanto nos espaços públicos, quanto nos estatais. As religiões que mais sofreram ataques após a abolição foram as consideradas mediúnicas, ou seja, as de origem afros e indígenas, pois estavam ligadas a práticas que não eram reconhecidas pelo Estado.

No art. 157 do código penal, entrava nos crimes da saúde pública e estava escrito que praticar o espiritismo, a magia e os seus sortilégios, usar de talismãs, e cartomancias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestais curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credibilidade pública.

Em meados do século XVIII, durante a escravidão, vieram para o Brasil muitos povos

africanos, onde as práticas e crenças resultaram na formação do Candomblé, tornando-se uma religião afro-brasileira. Segundo Silva (2009, p. 1) “Os negros conseguem, sob império total da opressão, camufladamente, adorar seus próprios deuses, se fortalecer espiritualmente e reproduzir sua identidade cultural”.

A primeira casa de Candomblé no Brasil foi registrada em 1830 com o nome de Ilê Axé Nossô Oká, dirigida por 3 africanas da nação Nagô, mas anterior a isso já existiam manifestações e reuniões dos povos negros em comunidades nos engenhos de canas. Segundo Silva (2009, p. 4), “Uma das manchetes da época dizia: crioulos livres e os escravos, (...) e os africanos (...) que estavam no lugar chamado Engenho Velho, em reuniões que eles chamam de Candomblé”.

Com culto aos Orixás, Voduns e Inkissis, que são divindades de vários países africanos. O Candomblé é uma vivência tradicional da valorização da natureza e nas essências valorizando a conduta e moral ética, praticando respeito aos mais velhos e a tradições orais, cultivando e utilizando os recursos naturais para cura, ações comunitárias, protetivas e enriquecedora afetiva, das comunidades pobres e perseguidas da época até os dias de hoje.

Segundo Schwarcz (1996, p. 12),

Falar de Candomblé é falar de fé, resistência e esperança. Arrancados de sua terra natal, transportados como força de trabalho, considerados animais, objetos. Sujeitos sem corpos, sem nomes ou bem próprios.

No final do século XIX, foi criado o movimento da Umbanda, que pertence ao vocabulário Quimbandu que significa “Arte de cura”, foi criada através da influência de Cabula, Macumba carioca, Calundu, Candomblé de caboclo, Orodere, Quimbanda, Espiritismo e o Catolicismo popular

As práticas já existiam antes dessa época, mas por causa de um rapaz chamado Zélio Fernandino de Moraes, em 15 de novembro de 1908 foi anunciada a denominação da religião Umbanda. Zélio sofria em

alguns momentos, pois o julgavam de ter comportamentos estranhos e por isso foi levado ao centro espírita e ali a sua entidade espiritual que se autointitulava como caboclo das 7 encruzilhadas, que representava na sua roupagem espiritual um indígena brasileiro, disse que iniciaria um culto onde falaria sobre humildade, amor e igualdade, reforçando também valores que seriam lemas e principais atributos da religião, reforçado pela presença de outra entidade espiritual chamada de pai Antônio que representava a figura do negro escravizado, assim criando a base das linhas principais de trabalho dentro da Umbanda. No dia seguinte Zélio já iniciou os trabalhos em sua casa, atendendo todos os tipos de pessoas independente de raça e classe social.

Segundo Cumino (2015, p. 121),

Para uns, Umbanda era kardecismo-africanizado; para outros, africanismo-embranquecido; no entanto, nem uma e nem outra definição de Umbanda é algo novo que nasce neste solo brasileiro. Não é a religião de uma etnia (do negro, branco ou vermelho), mas o fruto do encontro delas produzindo um sentido, que já não se explica mais pela raça e sim pelo apelo que há na sua identificação com este povo brasileiro. Costumava-se caracterizar Umbanda como um sincretismo religioso, no entanto, novos estudos mostram que ela é a síntese do povo brasileiro.

Mesmo enfrentando diversos ataques até os dias de hoje por meio de perseguições políticas, crime de depreciação patrimonial, intolerância por meio de religiões cristãs, a Umbanda se mantém firme e extensa em todo território nacional e internacional, resgatando as essências e mantendo as virtudes em prática do bem e do amor. A religião é um sinônimo de resgate social, luta contra a marginalização dos povos originários e reafirmação da legitimidade e valorização do negro e sua cultura rica e milenar.

Segundo Cumino (2015, p. 107),

A Umbanda renova a interpretação para símbolos diversos, produzindo um novo significado, daí uma nova religião na qual antigos

símbolos e novos valores se acomodam, assumindo uma identidade única.

Aos indígenas ficavam distribuídos na costa litorânea, podendo ser divididos entre os grupos tupis-guaranis e tapuias. Houve um genocídio dessa população com a chegada dos portugueses no Brasil. Por isso há pouquíssimos registros de como eram suas vidas cotidianas e suas culturas. E hoje muitas aldeias são fechadas para influências externas, pois é uma forma de proteção em consequência de violências a este povo e por causa disso é muito difícil construir ou reconstruir o que foram os cultos indígenas.

Segundo Fausto (2012, p. 16),

Os índios que se submeteram ou foram submetidos sofreram a violência cultural, as epidemias e mortes. Do contato com o europeu resultou uma população mestiça que mostra até hoje sua presença silenciosa na formação da sociedade brasileira. Mas, no conjunto, a palavra catástrofe é mesmo a mais adequada para designar o destino da população ameríndia.

Pelas poucas informações que se tem comparado com as práticas atuais de aldeias que sobreviveram, o ponto central é o culto à natureza de forma divinizada.

Para se proteger dos preconceitos e do racismo, tentando se defender de ataques, essas religiões passaram a adotar o sincretismo católico para que a população tentasse entender como funcionava a religião. Segundo Cumino (2015, p. 64), “Sincretismo é uma palavra que significa amálgama de doutrinas ou concepções heterogêneas (de diferentes naturezas)” que nada mais é por definição a união de dois conceitos ou ideias, criando assim um terceiro derivado.

Na prática católica, roga-se aos santos como mediadores da relação com Deus e isso fez com que os negros identificassem a similaridade com o que faziam com os Orixás, pois eles eram intercessores da relação com Olorum, e assim sincretizaram de forma que: Oxalá – Jesus Cristo, Iemanjá – Nossa

senhora dos navegantes, Oxum – Nossa senhora aparecida, Iansã – Santa Bárbara, Xangô – São Pedro, Ogum – São Jorge, Oxóssi – São Sebastião, Nanã – Sant’Anna e Omulu - São Lázaro.

Segundo Silva (2009, p. 6),

A sacerdotisa Mãe Stella de Oxóssi, que comanda há mais de 30 anos a casa Ilê Axé Opô Afonjá reconhece que a prática foi importante no passado, mas salienta que não é mais justificável, pois os Orixás e os santos católicos têm energias diferentes e não devem ser confundidos.

A prática do sincretismo era adotada nos primórdios da religião com a intenção de que fosse mais aceito pela sociedade, pois assim conseguiriam explicar melhor como funcionava a religião. Porém, nos dias de hoje essa prática não seria mais necessária, porque o conhecimento está facilitado para todos.

Independente de qual for o tema, o fanatismo é extremamente ruim, pois acaba influenciando pessoas a acreditarem que só o que elas creem é o que realmente é correto, e isso faz com que sejam ignorantes e mente fechada para novos conhecimentos. Por isso são feitas má interpretações bíblicas, utilizando frases fora de contexto e textos pela metade, disseminando o ódio e a ignorância.

As perseguições se estendem por diversos canais de comunicação que existem hoje e um dos recentes acontecimentos vem do bispo Edir Macedo que publicou um livro intitulado como “Orixás, Caboclos e guias: Deuses ou demônios?”.

Segundo Macedo (1997, p. 5),

Dedico essa obra a todos os pais e mães-de-santo do Brasil porque eles, mais que qualquer pessoa, merecem e precisam de um esclarecimento. São sacerdotes de cultos como umbanda, quimbanda e candomblé, os quais estão, na maioria dos casos, bem-intencionados. Poderão usar seus dons e liderança ou de sacerdócio corretamente, se forem instruídos. Muitos deles hoje são obreiros ou pastores as nossas igrejas, mas não o seriam, se Deus não levantasse alguém que lhes dissesse a verdade.

Neste livro são feitas análises preconceituosas, totalmente distorcidas e ofensivas sobre a Umbanda e suas entidades, frases do tipo “Você terá um esclarecimento acerca do demônio”, “Com rituais, danças e oferendas, induz o ser humano a abrir sua vida às forças do inferno” e “Para alguém se tornar realmente imune (...) a única solução é seguir o Mestre Jesus” são citadas a fim de influenciar seguidores.

O livro é um best-seller, com mais de 3 mil exemplares vendidos e tem frases de intolerância e preconceito, assim tentando convencer cada vez mais pessoas de que a Umbanda e o Candomblé estariam associados a coisas ruins e fazendo com que esses seguidores pratiquem cada dia mais a intolerância religiosa através de agressividades, sendo elas verbais ou físicas. Segundo Nogueira (2020, p. 14), “O livro é mais um projeto de conversão em massa, (...) um grande mal imaginário que se responsabilize por todos os males na vida das pessoas.”

Sidney Nogueira é um professor e doutor em semiótica, escreveu um livro em 2020 como resposta ao bispo Edir Macedo, onde ele retrata a desigualdade, a intolerância e a realidade dentro das religiões de matriz afro-brasileiras.

Segundo Nogueira (2020, p. 14),

Ao leitor desavisado e aos seguidores de Macedo, o excerto do livro apresenta-se preenchidos semanticamente e boa intenção (...) se colocam na posição de heróis salvadores (...) o livro é uma evidente condenação racista de todas as práticas de origem africana no Brasil.

Em diversas repartições públicas espalhadas pelo Brasil inteiro, como por exemplo fóruns, hospitais, escolas e presídios, sempre tem uma Bíblia ou um crucifixo como símbolo cristão, influenciando pessoas a se submeter aquela religião e induzindo que o Estado não é laico.

Outros exemplos de persuasão são nas entradas de algumas cidades no Brasil, por exemplo Paraty, Mauá e Sorocaba que tem placas em suas entradas

com frases do tipo “Jesus Cristo é o Senhor de Mauá”, “Paraty pertence a Jesus” e “Sorocaba é do Senhor Jesus Cristo”, criando assim um tipo de movimento chamado “cristãoocêntrico” onde as religiões de matriz cristãs são o centro e são as únicas corretas, excluindo todas as outras que são consideradas menores e inferiores. Criando-se um viés inconsciente, submetendo a uma única fé, causando a exclusão de outras religiões e de pessoas não se sentem representadas.

### III. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa é caráter bibliográfico que é embasado a partir de um material já elaborado, constituído por principalmente livros e artigos científicos. É uma pesquisa de cunho exploratório que tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias e descobertas de intuições. Outro método utilizado é a de uma pesquisa que foi distribuída em redes sociais para que diversas pessoas respondessem de forma anônima sobre sua religião e o que faria em casos de presenciar intolerâncias religiosas.

### IV. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através de uma pesquisa enviada em redes sociais, 53 pessoas responderam de forma anônima sobre suas religiões e se em algum momento sofreram intolerância religiosa.

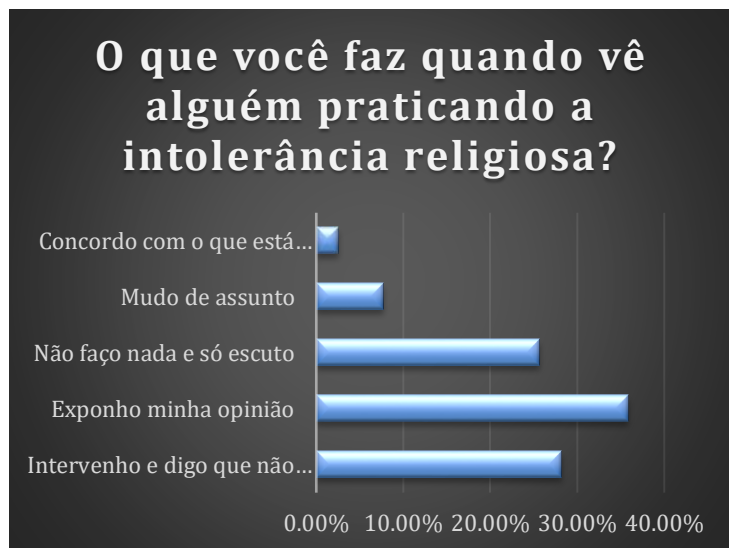
Figura 1 – Gráfico sobre a religião dos entrevistados.



Fonte: Autor, 2021.

Pode-se observar que 22 pessoas dos 53 entrevistados são evangélicas, que representa cerca de 41,50%. Isso explica o motivo de ter tantos evangélicos nas bancadas políticas e em cargos de posições elevadas influenciando pessoas de como elas devem ou não agir. Em segundo com 14 pessoas, vem a religião católica, representando cerca de 26,14% dos entrevistados.

Figura 2 – Gráfico de quantas pessoas já sofreram intolerância religiosa por causa da sua religião.



Fonte: Autor, 2021

A partir das respostas e da análise dos gráficos, fica evidente que as religiões de matrizes africanas acabam sendo alvos da maior parte da população por causa do tempo colonial, pois foi quando os portugueses trouxeram a religião católica ao Brasil como uma religião oficial e fizeram todos acreditarem que seria a correta.

Nenhum dos católicos que responderam a pesquisa diz já ter sido alvo de alguma intolerância religiosa, o que causa conforto para que espalhem a sua fé por onde forem.

Nota-se que 25% das pessoas que responderam não fazem nada, só escutam o que está sendo dito, o que leva a um certo consentimento e deixando se propagar a intolerância religiosa, 35% das pessoas expõem a opinião e outras 28% intervêm e dizem que o que a pessoa está falando não está certo, pois cada um tem a sua fé.

Figura 3 – Gráfico sobre o que se faz quando vê alguém praticando a intolerância religiosa.



Fonte: Autor, 2021.

Em uma pergunta aberta, sem opções sobre o que é considerado negativo em uma tradição religiosa, tiveram diversas respostas, porém a resposta que mais foi feita era a de fanatismo. O fanatismo religioso é um dos principais motivos de se ter a intolerância religiosa, pois algumas pessoas que acham que há somente uma verdade no mundo e que somente o que ela acredita é o que realmente é certo. Mas em uma cultura tão diversa como é a do Brasil, já passou da hora de ser levado em consideração que todas as formas de amor, fé e religiosidade são justas e convenientes.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável a importância da religiosidade do país, por diversas expressões em culturas plurissignificativas e a pesquisa possibilitou uma grande oportunidade de desenvolver reflexões pertinentes a este mundo de crueldade que vivemos.

Mediante a esse cenário de perseguição religiosa, pode-se atribuir facilmente como motivo principal, o racismo, seja ele imposto aos negros escravizados ou aos verdadeiros donos do território nacional, são essas as classes consideradas inferiores por seu poder aquisitivo. Tem-se a busca incessante

pelo controle disfarçado de fé que assola a humanidade a milênios, roubando legitimidade daqueles que realmente são donos das suas culturas, territórios e filosofia de vida.

Hoje em dia, disfarçado ou não, pronunciamentos discriminatórios racistas saem da boca de representantes sociais políticos e religiosos, nos quais deveriam ser os responsáveis pelos impulsos ao combate do histórico genocida causado pela invasão do solo brasileiro. Em meio a esse cenário de tanta luta e resistência a humanidade tem por obrigação, independente de crença ou posição nessa sociedade, reafirmar o respeito e a igualdade, virtudes essas que vão além da simples tolerância e que despertará essa nova sociedade.

## VI. REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Isabel. **Religiões de matriz africana e a intolerância religiosa**. Pelotas: UFPel, Vol. XI n. 22, ISSN 2316 8412, p. 295-300, 2014.
- CAVALCANTI, Carlos. **História das religiões: Inquisições, intolerância, religiosa e historiografia**. João Pessoa: UFPB, 2018.
- CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: Uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2015.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- GARCIA, Antônia. **Desigualdades Raciais e segregação urbana em antigas capitais: Salvador, cidade de D'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- GIUMBELLI, Emerson. **O "Baixo espiritismo" e a história dos cultos mediúnicos**. Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, 2003.
- GIUMBELLI, Emerson. **A presença do religioso no espaço público sociedade: modalidade no Brasil**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p.80-101, 2008.
- GUIMARÃES, Marcelo. **Um novo mundo é possível**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- JARDIM, Tatiana. **Umbanda: História, cultura e resistência**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do estado do estado do Rio de Janeiro, p. 44-70, 2017.
- KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. 182. ed. Araras: IDE, 2009.
- MACEDO, Edir. **Orixás Caboclos e guias: Deuses ou demônios?**. São Paulo: Unipro, 1997.
- MONTERO, Paula. **Religião, pluralismo e espaço público: Modalidade no Brasil**. *Revista Novos Estudos*, São Paulo, CEBRAP, n. 74, p. 47-65, 2006.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Feminismos plurais**. São Paulo: Pólen, 2020.
- OLIVEIRA, José. **Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Limeira: Editora do conhecimento, 2008.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA, Maria. **Candomblé**. *Revista Vera Cidade*. Salvador, 2009.
- SILVA, Vagner. **Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso Afro-brasileiro**. São Paulo: EDUSP, p. 9-28, 2007.